



Pesquisar: inventar mundos com Educações Matemáticas

Research: invent worlds with Mathematical Education

Sônia Maria Clareto¹

Margareth Aparecida Sacramento Rotondo²

Resumo

Este artigo investiga a pesquisa em educação matemática, colocando em estado de problematização os substantivos: pesquisa, pensamento, conhecimento, sujeito. Os sentidos são torcidos em verbos, que, juntos à poesia de Manoel de Barros, pegam delírio. Verbar substantivos: uma operação da escrita. Verbos no infinitivo transitam entre mundos e fazem transitar mundos: pesquisar, pensar, conhecer, subjetivar... Pesquisar inventa mundos em educação matemática. Na invenção de mundos, algumas pesquisas em Educação Matemática são trazidas à escrita e sussurram processos do pesquisar conhecer pensar existir. Inventando mundos, inventa modos de escrita rente ao pesquisar. Educações matemáticas em invenções: vidas que se dão nas salas de aula de matemática e fora delas; que se constituem no atritar dos conhecimentos matemáticos – já conhecidos, instituídos e consagrados como tais – com o próprio pensar, que coloca um inédito e improvável no já conhecido: que vida pulsa junto às matemáticas e suas desdobras na educação?

Palavras-chave: Pesquisar. Pensar. Conhecer. Existir. Inventar.

Abstract

This article investigates the research in mathematics education, problematizing the nouns: research, thought, knowledge, subject. The senses are twisted into verbs, which together with the poetry of Manoel de Barros, change their meaning. To verb nouns: a writing operation. Verbs in the infinitive travel between worlds and make the worlds travel: to research, to think, to know, to subjectivate... Research invents worlds in mathematics education. By inventing worlds, some studies in mathematics education are brought into writing and whisper processes of searching knowing thinking existing. Inventing worlds, it invents ways of writing close to searching. Mathematical education in inventions: lives that occur in mathematics classrooms and outside them; that are constituted by the rub of mathematical knowledge – already known, established and consecrated as such – over the thinking itself, which puts an original and unlikely in the already known: what life pulses with the mathematical and its extensions in education?

Keywords: To research. To think. To know. To exist. To invent.

¹ Doutora em Educação Matemática; Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita UNESP/ Rio Claro, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, sclareto@yahoo.com.br.

² Doutora em Educação Matemática; Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita UNESP/ Rio Claro, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, margarethrotondo@gmail.com.

O que faz uma palavra pegar delírio?

Delírio
 No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
 criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
 para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele
 delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
 nascimentos —
 O verbo tem que pegar delírio.
 Manoel de Barros

Um substantivo: pesquisa. Feminino. Singular. Os substantivos nomeiam, categorizam, classificam. *A que classe de coisas se refere o substantivo pesquisa?* Substantivo diz respeito, também, àquilo que caracteriza uma substância, sua essência, ou que a ela se refere... *Qual é a substância da pesquisa?*

*O que faz a pesquisa pegar delírio?*³

Um verbo: pesquisar. Exprime ação e também afetos, estados e processos. *Que ações, afetos e estados o verbo pesquisar exprime?* Diz respeito, também, ao tempo das ações, situando-as em relação ao momento no qual a pesquisa está se dando. *Tempo, que tempo?* O verbo evoca um processo. *Que processos evoca o verbo pesquisar?*

O que faz o pesquisar pegar delírio?

Pesquisar em educação matemática. Pesquisar com e em e junto a uma área. Uma área de saber. Uma área disciplinar. Uma área reconhecida pelos órgãos financiadores e

³ Filipe Fernandes, em sua pesquisa de doutorado, produz contos. Em um deles, uma gramática da educação matemática. Sua palavra pega delírio. Ele se alia a Manoel de Barros nesta tarefa e, juntos, inspiram este artigo (FERNANDES, 2014) (BARROS, 2010).

pela academia. Educação Matemática: institucionalizada como área de pesquisa. Um substantivo? Uma categoria? Uma classe? *Como pesquisar com e em e junto a uma área institucionalizada como área de pesquisa?*

O que faz uma área institucionalizada como área de pesquisa pegar delírio?

Pesquisar em educação matemática. Pesquisar com e em e junto a um movimento que instaura modos de *estar com* a matemática. De *estar com* a educação. De *estar com* a pesquisa com e em e junto à educação matemática. Movimento que agita e esgarça as fronteiras entre matemática e educação e filosofia e história e psicologia e psicanálise e arte e antropologia e música e cinema e escola e cultura e e e... *Que pesquisa em educação matemática?*

O que faz um movimento de pesquisa pegar delírio?

Um substantivo: conhecimento. Masculino. Singular. Os substantivos nomeiam, categorizam, classificam. *A que classe de coisas se refere o substantivo conhecimento?* Substantivo diz respeito, também, àquilo que caracteriza uma substância, sua essência, ou que a ela se refere... *Qual é a substância do conhecimento?*

O que faz o conhecimento pegar delírio?

Um verbo: conhecer. Exprime ação e também poderes, forças e modos. *Que ações, poderes e forças o verbo conhecer exprime?* Diz respeito, também, ao tempo das ações, situando-as em relação ao momento no qual o conhecer está se dando. *Tempo, que tempo?* O verbo evoca um modo. *Que modos evoca o verbo conhecer?*

O que faz o verbo conhecer pegar delírio?

Conhecer em educação matemática. Conhecer na trama com objetos e seus modos de operar na produção de matemáticas, nas salas de aulas e fora delas, nas instituições escolares e fora delas, em espaços formais de educação e fora deles... Conhecer na

desestabilização dos modos únicos e hegemônicos. Conhecer como potência para vida num exercício de invenção de modos de operar. Conhecer como ação de formação, conhecer como produção de si e do mundo. Conhecer como engendrar conhecer no conhecimento. Um verbo? Uma ação? *Como conhecer com e em e junto à educação matemática para quem e para além dos conhecimentos instituídos como matemáticos e não matemáticos?*

O que faz conhecimentos instituídos como matemáticos e não matemáticos pegarem delírio?

Conhecer em educação matemática. Conhecer como instauração de um território existencial junto a modos de *estar com* a matemática. De *estar com* a educação. De *estar com* a pesquisa com e em e junto à educação matemática. Conhecer como território de disputa, junto a forças e poderes: uma matemática, uma educação, uma educação matemática. *Que modos de conhecer – enquanto ação junto a forças e poderes – em educação matemática?*

O que faz um movimento de conhecimento pegar delírio?

Um substantivo: pensamento. Masculino. Singular. Os substantivos nomeiam, categorizam, classificam. *A que classe de coisas se refere o substantivo pensamento?* Substantivo diz respeito, também, àquilo que caracteriza uma substância, sua essência, ou que a ela se refere... *Qual é a substância do pensamento?*

O que faz o pensamento pegar delírio?

Um verbo: pensar. Exprime ação e também enfrentamentos, desvios, possibilidades. *Que ações, enfrentamentos e desvios o verbo pensar exprime?* Diz respeito, também, ao tempo das ações, situando-as em relação ao momento no qual o pensar está se dando. *Tempo, que tempo?* O verbo evoca uma possibilidade. *Que possibilidades evoca o verbo pensar?*

O que faz o pensar pegar delírio?

Pensar em educação matemática. Pensar com educação matemática, atravessando educações matemáticas. Pensar arrombado e deslizando. Pensar atordoado, afrontando bordas. Pensar sem memória, exercitando esquecimentos e invenções. Pensar sem convergências, compondo educare matemáticos. Pensar com uma área: Educação Matemática. *Como pensar com e em e junto a uma área institucionalizada como área de pensamento?*

O que faz uma área institucionalizada como área de pensamento pegar delírio?

Pensar em educação matemática. Não há pensar inato. Pensar não é natural. Engendrar pensar no pensamento: exercício, experimentação, movimento. *Como engendrar pensar no pensamento?* Pensar como criação. Pensar é criar. Criar é engendrar pensar no pensamento. Movimento de pensar no pensamento... *Como engendrar pensar no pensamento? Como engendrar pensar no pensamento matemático?*

O que faz um movimento de pensar pegar delírio?

Um substantivo: sujeito. Masculino. Singular. Os substantivos nomeiam, categorizam, classificam. *A que classe de coisas se refere o substantivo sujeito?* Substantivo diz respeito, também, àquilo que caracteriza uma substância, sua essência, ou que a ela se refere... *Qual é a substância do sujeito?*

O que faz o sujeito pegar delírio?

Um verbo: subjetivar. *Subjetivar?* Subjetivar e dessubjetivar, inseparáveis: dois verbos, uma ação. Outros modos de expressão pedem passagem... Outros modos de vida pedem passagem... O substantivo sujeito e o verbo subjetivar já pegaram delírio!!!
Sujeito? Quem? Quem pesquisa? Quem é o sujeito da ação “pesquisar”?

Quem? A pergunta quem não clama por pessoas, mas por forças e querer⁴.

Que forças, que querer⁴es fazem pesquisar em educação matemática pegar delírio?

Que ações, fazimentos e desmanches o verbo pesquisar exprime? Que afectos evoca o verbo pesquisar? Pesquisar em e com e junto à e na educação matemática. Pesquisar investindo na trama de poderes e saberes e disciplinas. Pesquisar desativando e desestabilizando. Pesquisar rasgando. Pesquisar possibilitando. Pesquisar impossibilitando. Pesquisar.

Pesquisar sem conjugação posto que sem sujeito, sem um eu que pesquisa e sem eus a serem pesquisados. Pesquisar junto às forças e aos querer⁴es. Sem tempo verbal: constituindo-se na imanência, sem passado ou futuro. No agora do instante.

O que faz pesquisar pegar delírio?

Pesquisar e conhecer e pensar: criação de mundos

O que o pensamento é forçado a pensar é igualmente sua derrocada central, sua rachadura, seu próprio ‘impoder’ natural, que se confunde com a maior potência, isto é, as forças informuladas, como com outros tantos voos ou arrombamentos do pensamento [...] pensar não é inato, mas deve ser engendrado no pensamento [...] o problema não é dirigir, nem aplicar metodicamente um pensamento preexistente por natureza e de direito, mas fazer que nasça aquilo que ainda não existe (não há outra obra, todo o resto é arbitrário e enfeito). Pensar é criar, não há outra criação, mas criar é, antes de tudo, engendrar ‘pensar’ no pensamento (DELEUZE, 2006, p. 213).

Pensamento forçado a pensar, invadido pelo fora, pelo ainda não pensado. Pensamento forçado e arrombado pelo não reconhecimento⁵. Pensamento tombado. Delírio? Pensar que arromba o já sabido, o já conhecido. Como compor pesquisar e conhecer e pensar? Pesquisar como encontro com o fora: o ainda não pensado, não

⁴ Deleuze, operando com a doutrina das forças de Nietzsche: “A questão *quem?* não reclama pessoas, mas forças e querer⁴es”. (DELEUZE, 1997, p. 114)

⁵ Reconhecimento é o “momento em que a repetição e a representação se misturam, se defrontam, sem, contudo, haver confusão entre estes dois níveis, um refletindo-se no outro, nutrindo-se do outro, sendo o saber, então, reconhecido como o mesmo, seja enquanto representado na cena, seja enquanto repetido pelo ator” (DELEUZE, 2006, p. 38).

conhecido, não mapeado. Pesquisar que inventa conceitos. Pesquisar que opera conceitos. Conceitos móveis. Pesquisar que inventa conceitos pesquisando. Pesquisar que inventa conhecer e pensar. Pesquisar como modos de produção de mundo. Conhecer. Pensar. Criar. Pesquisar pega delírio.

Como encontrará [o pesquisar] um fora suficiente com o qual el[a] possa agenciar no heterogêneo, em vez de reproduzir um mundo? (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 47)

Pesquisar como agenciamento⁶ com o heterogêneo: criação de mundos. Um pesquisar que se abre ao encontro⁷, ao inédito, ao improvável, constituindo um campo problemático⁸, traçando o pesquisar [um método?], pesquisando. Pesquisar e conhecer e pensar tramados junto aos modos de existir. Ou de outro modo, conhecer e existir e pensar tramados com pesquisar.

Em educação matemática este pesquisar trama modos de estar com a(s) matemática(s), trama pensares e conheceres. Trama matemáticas, trama vidas. Trama existires.

Vidas que se dão nas salas de aula de matemática e também fora delas. Vidas que se constituem no atritar dos conhecimentos matemáticos – já conhecidos, instituídos e consagrados como tais – com o próprio pensar, que coloca um inédito e improvável no já conhecido: um desconhecido, um novo. Que matemáticas? Que vida pulsa junto às matemáticas e suas desdobras na educação?

Pesquisar em e com e junto à e na educação matemática: territórios existenciais que vão se dando no fluxo da vida, no fluxo das matemáticas, no fluxo das aprendizagens, no fluxo das formações... Quanto de mundo cabe em uma experiência de pesquisar?

Inventar mundos: pesquisar. Que mundos são inventados em educação matemática?

⁶ “Denominaremos agenciamento todo conjunto de singularidades e de traços extraídos do fluxo — selecionados, organizados, estratificados — de maneira a convergir (consistência) artificialmente e naturalmente: um agenciamento, nesse sentido, é uma verdadeira invenção” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 94).

⁷ “Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. [...] Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.14-15).

⁸ O problemático não mais como obstáculo, mas como ultrapassagem, travessia. Como afecção, acontecimento. Como experimentação, experiência.

Pesquisar: inventar mundos. Que currículos são inventados em educação matemática? Que currículos são inventados em salas de aulas de matemática? Que acontece numa sala de aula de matemática quando nada parece estar acontecendo? O corriqueiro, o banal da sala de aula de matemática é tomado pelo pesquisar⁹: *A sala de aula traz este fora – um fora tão dentro, tão habituado, mas mesmo assim, um fora – para a pesquisa em educação matemática*¹⁰. Junto a forças e poderes e saberes, currículos são inventados. *Um currículo? Um agenciamento de corpos com materialidades com saberes historicamente constituídos com saberes instituídos em uma sociedade com quererem com professores com alunos com livros didáticos com listagens oficiais de conteúdos com habitualidades com saberes que atravessam indisciplinarmente as disciplinas escolares com modos de proceder com didatismos com pedagogismos com crenças com acordos com desacordos com compreensões com dissabores com explicações com incompreensões com implicações com exercícios com “siga o modelo” com demonstrações com projetos com perguntas com respostas com não-respostas com enfrentamentos com ausências com passividades com... com... com...*¹¹. Uma pesquisa, em abertura à processualidade de uma escola, em salas de aula de matemática, inventa língua para dar forma, em escrita também inventada, pescando uma não-palavra que insiste nas entrelinhas da vida, no seu fora, matemáticas e currículos que são inventados no aqui e agora, no instante potente do viver.

Pesquisar: inventar mundos. Que formações são inventadas em educação matemática? Que formações são inventadas tomando matemáticas como disparadores de pensares? Que acontece quando matemáticas tornam-se problemas para formações? Que formação acontece quando matemáticas são disparadores de vida, de existir?¹² *Vamos imaginar assim: quanto tempo eu já lido com a tal da Matemática? Aí, coitadas das*

⁹ Investigação que vem sendo realizada em uma escola municipal da cidade de Juiz de Fora, desde setembro de 2013. A pesquisa intitulada “Por uma Educação Matemática Menor: currículo e formação de professores junto à sala de aula de matemática” (CAPES/FAPEMIG, Processo nº APQ 03480-12), coordenada por Sônia Maria Clareto.

¹⁰ CLARETO, 2015a, p.10.

¹¹ CLARETO, 2015b, p. 11.

¹² Investigação que vem sendo realizada junto a uma escola municipal da cidade de Juiz de Fora, desde setembro de 2013. A pesquisa intitulada “Formação de professores que ensinam matemática: produção do conhecimento matemático através do dispositivo-oficina e seus efeitos no ensino e na aprendizagem da matemática na escola” (CAPES/FAPEMIG, Processo nº APQ-03416-12), coordenada por Margareth Ap. Sacramento Rotondo.

*minhas crianças! É uma coisa assim... essa é a tal da Matemática que eu aprendi e exercitei*¹³. Enfrentamentos de concepções, de crenças, de modos atrelados a poderes e saberes. Enfrentamentos arrombando pensares com matemáticas e seus modos de operar. Enfrentamentos dando a pensar os modos de operar, inventando tantos outros para operar, então viver. *Muito interessante! A maneira que ensinei é o como fazer, é a regra! Isto é outra coisa!*¹⁴ Matemáticas produzindo tensão entre conhecer, pensar, pesquisar, formar. Corpos remexidos, deformados, abalados vão se apresentando. Passeiam inventando caminhos na formação. Caminhos não, trilhas. Trilhas na invenção de si, na invenção de pensamento, na invenção de modos de se tornar professor/a de matemática. Matemáticas abalando formações e salas de aulas e vidas. *Desestabilizar mundo, inventar mundo, inventando com matemática. Sangrar ao perder a fortaleza do inteligível e do antecipado. Sangrar perdendo forma e produzindo outras tantas formas na de-formação do processo em formação*¹⁵.

Pesquisar: inventar mundos. Que práticas são inventadas para tornar a vida mais potente? Que táticas são inventadas por professores e professoras em uma escola? Como pesquisar intervém no estabelecido? Como pesquisar é intervenção? Como pesquisar invade territórios institucionalizados, os rasga e os subverte? *E quando isso acontece você sabe que alguma coisa não está bem. Porque quando a gente está nesse ponto, de tocar o sinal e você não querer ir pra sala de aula é porque tem alguma coisa que não está muito certa. Eu acho!*¹⁶ Pesquisar em educação matemática ocupa-se com as práticas de si, com autonomia, com a produção de verdades, com produção de vidas acontecendo nas escolas. *Eu venho sentindo a maior vontade de dividir o que eu sei com eles [alunos], ou ajudá-los a fazer as coisas que eu já descobri antes. E, na verdade eu sinto certa angústia por perceber isso nos colegas de trabalho*¹⁷. Pesquisar incitando vida com vida. Pesquisar como um agulhão fincado à carne na trama da instituição escolar. Pesquisar como possibilidade de criação de respiradouros para vidas mais potentes. Pesquisar com

¹³ ROTONDO, AZEVEDO, 2015, p. 5-6.

¹⁴ ROTONDO, 2015a, p. 11.

¹⁵ ROTONDO, 2015b, p. 3.

¹⁶ SILVA, 2014, p. 80.

¹⁷ SILVA, 2014, p. 85.

silêncios, entre táticas e estratégias. Pesquisar com vozes que pedem língua nova em corpos outros.

Pesquisar: inventar mundos. Que políticas cognitivas são assumidas no educar matematicamente? Que decisões são assumidas nas ações ensinar e aprender? *A gente deu o nome desse aqui de **vulcângulo** – o menino sorriu como se achasse graça do nome e vários integrantes de seu grupo acompanharam o sorriso – porque ele parece um vulcão: vai ficando mais alto e deixa uma abertura grande na **boca***¹⁸. Pesquisar fabulando um antimodelo. Modelo em movimento. Modelar inventando formas, métodos, objetos, sujeitos. Dizer não ao congelamento do vivido em leis e procedimentos invariantes. Um antimodelo como possibilidade de abertura à produção inventiva do pensar e com o pensar, atento à variação da vida viva. *A gente pega a figura e encosta a folha nos lados dela. Quer ver? [...] Agora eu pego o lápis e faço o **contorno**. Fica meio ruim, mas depois eu pego a régua e faço ficar direitinho*¹⁹. Um convite à educação matemática inventiva. Invenção sendo tramada como erva daninha do antimodelo. Diz não à moral e às regras coercitivas que abafam o pensar. Um antimodelo que cria regras facultativas. Implicação ética. Uma estética. Uma política. Uma política cognitiva inventiva.

Pesquisar: inventar mundos. Que processo de disciplinarização enfrenta a matéria viva da vida ao se constituir em disciplina escolar? Que matemática disciplinada na e pela escola? *Sob a ilusão reducionista do valor social da matemática, uma vez que ela é feita para ser ensinada e aprendida, que o ‘ensino formal’ é imprescindível a toda aprendizagem matemática e que a única razão pela qual se aprende matemática é porque ela é ensinada na escola*²⁰. Pesquisar compondo ações com e na escola, com e no currículo. Ações indisciplinadas no enfrentamento da disciplinarização da matemática. Uma indisciplinarização transgressora para compor espaços outros, momentos outros, processos outros junto à escola e à sala de aula: *Esses atos de transgressão indisciplinar permitiram a realização de práticas de deslocamento das práticas escolares, ditas*

¹⁸ CAMMAROTA GOMES, 2013, p. 76.

¹⁹ CAMMAROTA GOMES, 2013, p. 82

²⁰ JESUS, 2015, p. 101.

*matemáticas – as quais remetem a uma matemática em sentido único, verdadeiro, puro, universal...*²¹ Um movimento transgressor e indisciplinar que move uma educação matemática. Inventa modos de estar com a matemática, com a educação matemática, com a escola, com o currículo.

Pesquisar: inventar mundos. Que modos de existir junto à educação matemática? Que educação matemática junto aos modos de existir? *A Educação Matemática, quando aquém da disciplina, inevitavelmente responde a essa dinâmica de poderes que separa e atribui nomes. Contudo, quando a Educação Matemática está além da disciplina, quando é pensada no âmbito da vida, ela é tudo e nada: é viagem, saudade, conflito, arrependimento, mudança, acaso e necessidade. Quando além da disciplina, a Educação Matemática não tem um atributo, essa especificidade tão admirada por aqueles que pretendem subordiná-la a outras disciplinas. A Educação Matemática nada mais é do que um conjunto de questões; um conjunto de problematizações de estados, de sentidos, de significações. Enfim, ela nada mais é do que um modo de existir*²². Pesquisar a educação matemática se constituindo como área de pesquisa no próprio ato de pesquisar. Educadores matemáticos se tornando como tais, no movimento mesmo de constituição da área. Movimentos, composições, fazendo-se: que educação matemática? *Uma Educação Matemática muda. Uma Educação Matemática operando junto à impossibilidade de voz, ao silêncio, ao vazio. Educação Matemática que se cala ou que é calada, de pensamento indomado e sem linguagem própria ou adquirida. Vias de se fazer sem formas de expressão ou em formas de expressão não convencionais. Segredo, sigilo, silêncio*²³. Educação matemática como área de pesquisa. Educação matemática como movimento de pesquisar. Educação matemática como modos de existir.

Pesquisar: inventar mundos:... Junto a tantos outros pesquisadores que não vieram nesta escrita...

A experiência da escrita e a escrita da experiência: criação de mundos

²¹ JESUS, 2015, p. 45.

²² FERNANDES, 2014, p. 118.

²³ FERNANDES, 2014, p. 198.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que é não palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente (LISPECTOR, 1998, p. 20)

Escrever: inventar mundos. Escrever o pesquisar; pesquisar o escrever. Pesquisar e conhecer e pensar e existir. Processos em invenção em educação matemática. Pesquisares ocupados com formação daquele e daquela que ensina ou ensinará matemática, com saberes matemáticos, com currículos que se inventam em matemática, com políticas cognitivas, com fazeres e viveres em salas de aulas de matemática, com fazeres e viveres fora das salas de aulas de matemática, com o próprio pesquisar em educação matemática, com matemáticas... Um enfrentamento: o escrever junto ao pesquisar: como línguas são inventadas junto ao pesquisar?

Sei como inventar um pensamento. Sinto o alvoroço da novidade. Mas bem sei que o que escrevo é apenas um tom. (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Escrever: inventar mundos. Escrever como exercício de aproximação às linhas de vida em sua processualidade. Exercícios de estranhamento, inventando problemas. Exercícios que atritam modos de escrever junto à música, à literatura, à dança... Escrever dançante. Escrever cantante. Escrever poetante. Escrever narrante. Escrever fabulante... Escrever que produz movimento com a língua, em sua própria língua. Vazamentos da e na língua. Rasgos de significados e significantes. Escrever insistente na aproximação com a imanência, com o processo. Escrever resistente à forma imposta e aos modos delineados para um reconhecimento em uma academia. Escrever inventando modos com arte, com ciência, com matemáticas, com saberes disciplinares e indisciplinares... Escrever inventando, desestabilizando academias. Escrever inventando academias.

O que se opõe à ficção não é o real, não é a verdade, que sempre é a dos amos ou dos colonizadores, mas a função fabuladora dos pobres, que dá ao falso a potência que o converte numa memória, numa lenda, num monstro. [...] Não o mito de um povo passado, mas a fabulação de um povo que virá [...]. Contra a história apocalíptica, há um sentido da história que não faz mais que um com o possível, a multiplicidade do possível, a abundância do possível em cada momento (DELEUZE 2007, p. 182-183).

Escrever: inventar mundos. Escrever como efeito do pesquisar, nas proximidades com o problema inventado. Escrever com memória curta, com o instante, com o aqui, com o agora. Escrever sem passado, sem futuro. Escrever processo. Escrever sem sentido, inventando sentidos na trama da vida. Escrever com cem sentidos novos e outros. Escrever com vidas inventadas, com mortes produzidas. Escrever silêncios, sussurros, murmúrios. Escrever inventando palavras em língua torcida. Escrever delirante.

[...] escreve-se com a memória curta, logo, com idéias curtas, mesmo que se leia e releia com a longa memória dos longos conceitos. A memória curta compreende o esquecimento como processo; ela não se confunde com o instante, mas com o rizoma coletivo, temporal e nervoso. A memória longa (família, raça, sociedade ou civilização) decalca e traduz, mas o que ela traduz continua a agir nela, à distância, a contratempo, "intempestivamente", não instantaneamente (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 35).

Escrever: inventar mundos. Escrever como experiência, como aquilo que passa, tomba, arromba vidas, existires. Escrever com aquilo que arromba pensares, conheceres e existires. Escrever insistindo em presença. Escrever resistindo aos modos previstos. Escrever com o que afeta e abala. Escrever rasgando valores e sentidos. Escrever inventando tantos outros valores e outros sentidos. Escrever junto a uma política e uma ética de produção de uma vida bela. Escrever produzindo existires com o pensar conhecer pesquisar.

Nomear o inominável? Pesquisar.

Colocar em estado de problematização alguns substantivos – pesquisa, pensamento, conhecimento, sujeito. Substantivos são torcidos, tomando outros sentidos. Substantivos são torcidos em verbos e deliram. Verbar substantivos: uma operação da escrita. Como nomear pesquisas que verbam substantivos e colocam em ação pesquisar conjugado com pensar – engendrando pensar no pensamento? Que colocam em ação pesquisar conjugado com conhecer – engendrando conhecer no conhecimento? Que colocam em ação pesquisar conjugado com forças e quererem potencializando outros tantos modos de existir?

Nomear?

Nomear: dar um nome. Um nome: um vocábulo ou uma locução que tem a função de designar uma pessoa, um animal, uma coisa ou um grupo de pessoas, animais e coisas. Dentre os nomes que designam, há os nomes comuns e os nomes próprios. Comum, do latim *communis*. Uma acepção: “Do uso ou domínio de todos os de um lugar ou de uma coletividade”. Próprio, do latim *proprius*. Uma acepção: “Que pertence exclusivamente a alguém” (CLARETO; MIARKA, 2015, s/p).

Como nomear aquilo que *é* em processo? Como nomear a processualidade do pesquisar? Como nomear modos de produzir(-se) no pesquisar? Como nomear, se efeito?

[...] o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um ziguezague, algo que passa ou que se passa entre dois como uma diferença potencial: “efeito Compton”, “efeito Kelvin” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 14).

Nome próprio? Nome comum? Nomear é qualificar, adjetivar. De substantivo a verbo. De verbo a adjetivo? Como adjetivar? “Efeito Pesquisar”!

Pesquisa Cartográfica. Pesquisa na imanência. Pesquisa junto às filosofias da diferença. Pesquisa... pesquisa... Pesquisar. Sem nome próprio. Só verbo. Só ação. Só efeito. Só pesquisar pensar conhecer existir. Simples assim, no infinitivo, sem conjugação, posto que sem sujeito. Só pesquisar pensar conhecer existir, no infinitivo, conjuga ação, processo ação, posto que vida.

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
 - b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
 - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
 - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
 - e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
 - f) Como pegar na voz de um peixe
 - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.
- etc.
etc.
etc.

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.
Manoel de Barros

Referências

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

CAMMAROTA GOMES, Giovani. *Fabulações e modelos ou como políticas cognitivas operam em educação matemática*. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

CLARETO, Sônia Maria. Sala de aula de matemática: pesquisa e enfrentamento do fora. In: *Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED* – PNE: tensões e perspectivas para a educação pública brasileira. Florianópolis, 2015a, no prelo.

CLARETO, Sônia Maria. Professor, quem inventou a matemática? Travessias de uma pergunta que se torna problema e um problema que inventa currículo. In *Anais do VI Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*. Pirinópolis, 2015b, no prelo.

CLARETO, Sônia Maria; MIARKA, Roger. *eDucAção MAtemática AefeTiva*: nomes e movimentos em avessos. *Boletim de Educação Matemática Bolema*, 2015, no prelo.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*: cinema II. Tradução Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. 2. ed. revis. e atual. Tradução L. Orlandi; R. Machado. São Paulo: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In _____. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbar. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 201.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. v. 5. Tradução de Peter Pál Pelbar e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G; PARNET, C. Tradução E.A. Ribeiro. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FERNANDES, Filipe. S. *A Quinta História*: composições da Educação Matemática como área de pesquisa. 2014. 233 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

JESUS, Francis R. de. *Indisciplina e transgressão na escola*. 2015. 464 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROTONDO, Margareth A. Sacramento. Matemática: tensão entre pensamento e formação. In: *Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPEd – PNE: tensões e perspectivas para a educação pública brasileira*. Florianópolis, 2015a, no prelo.

ROTONDO, Margareth A. Sacramento. Formação docente: inventando formação com matemática. In: *Anais do II Seminário Internacional de Filosofia, Poética e Educação – Habitar poeticamente a educação*. Juiz de Fora, 2015b, no prelo.

ROTONDO, Margareth A. Sacramento; AZEVEDO, Fernanda Oliveira de. A tal da matemática: um problema?. In *Anais do VI Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*. Pirinópolis, 2015, no prelo.

SILVA, Michela Tuchapesk da. *A educação matemática e o cuidado de si: possibilidades foucaultianas*. 2014. 192 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

Submetido em julho de 2015

Aprovado em agosto de 2015

